

## **A LÓGICA DO DESMEDIDO COMO TRAUMATOLOGIA DO SER – MARTIN HEIDEGGER E GÜNTHER ANDERS**

Bernhard Sylla  
bernhard@ilch.uminho.pt

Segundo Heidegger, a orientação no desmedido é uma consequência da história da metafísica e, daí, uma consequência do crescente esquecimento do Ser. Mais especificamente, a orientação no desmedido é a manifestação por assim dizer lógica da falta de medida que, a meu ver, se prende essencialmente com o topos da ‘quadrindade’ e o eminente perigo da sua ‘desarticulação’ e assim com a consequente impossibilitação do seu acontecer. Sintoma desta desarticulação é o crescente esvaziamento da quadrindade, i.e. o aparecimento da falta dos seus quatro elementos. Embora Günther Anders seja um leitor crítico de Heidegger, penso que é frutífero ler algumas partes da sua obra como um complemento interessante da análise do fenómeno do desmedido e da falta de medida, principalmente no que diz respeito à falta dos mortais. Segundo Anders, o desmedido que se manifesta nos sintomas da ‘vergonha prometeica’ e da criação da bomba atômica conduz precisamente à aniquilação do homem como ser mortal.

A justaposição e comparação das reflexões de Heidegger e Anders têm o intuito de lançar alguma luz sobre a ‘lógica oculta’ do fenómeno do desmedido e da falta de medida. Defender-se-á a tese da traumatologia inerente ao combate entre desmedido e medida, uma traumatologia que mais se assemelha a uma traumatologia do ser do que uma traumatologia psicológica.

Palavras-chave: Heidegger, Anders, medida, traumatologia, ontologia

According to Heidegger, the guidance in ‘dismasure’ is a consequence of the history of metaphysics and, hence, a consequence of the growing forgetfulness of Being. More specifically, the guidance in dismeasure is the logical manifestation of the lack of measure that, in my view, mainly relates to the topic of the ‘fourfold’ and the imminent danger of its ‘disarticulation’, and, by that, to the consequent disabling of

\* Universidade do Minho / Portugal

its happening. The symptom of this disarticulation is the increasing emptying of the fourfold, i.e. the appearance of the lack of all its four elements.

Although Günther Anders is a critical reader of Heidegger, I think it is fruitful to read parts of his work as an interesting complement to the analysis of the phenomenon of dismeasure and lack of measure, especially with regard to the lack of the mortals. According to Anders, the dismeasure manifested in the symptoms of 'Promethean shame' and the production of the atomic bomb leads precisely to the annihilation of man as a mortal.

The juxtaposition and comparison of Heidegger's and Anders' reflexions shall throw some light on the 'hidden logic' of the phenomenon of the excessive and the lack of measure. I shall defend the thesis of an inherent traumatology in the combat between measure and dismeasure, a traumatology that resembles more an ontological than a psychological traumatology.

**Keywords:** Heidegger, Anders, measure, traumatology, ontology

## Introdução

Segundo Heidegger, a orientação no desmedido é uma consequência da história da metafísica e, daí, uma consequência do crescente esquecimento do Ser. Mais especificamente, a orientação no desmedido é a manifestação da falta de medida que, a meu ver, se prende essencialmente com o *topos* da 'quadrindade' e o eminente perigo da sua 'desarticulação'.

Embora Günther Anders seja um leitor crítico de Heidegger, penso que é frutífero ler algumas partes da sua obra como um complemento interessante da análise do fenómeno do desmedido e da falta de medida, principalmente no que diz respeito à falta dos mortais.

A justaposição e comparação das reflexões de Heidegger e Anders têm o intuito de lançar alguma luz sobre a 'lógica oculta' do fenómeno do desmedido e da falta de medida. Defenderei a tese de que inere, ao desmedido, uma lógica do trauma que mais se assemelha a uma traumatologia do ser do que a uma traumatologia psicológica.

Quero, antes de começar com a análise de Heidegger e Anders, delinear algumas linhas orientadoras do meu entendimento e uso do termo 'traumatologia':

- (i) Hoje em dia, o fenómeno denominado 'trauma' é assunto e tema de inúmeros escritos e obras em ciências tão diversas como a psicologia, a psiquiatria, a sociologia, as ciências políticas, as ciências da literatura, e também a filosofia. No que respeita à filosofia, menciono

aqui apenas Heidegger, Lacan, Derrida, Adorno, Sloterdijk, Žižek e Günther Anders, mas esta lista é tudo menos completa. Na minha opinião, não há um simples denominador comum para pensamentos traumatologicamente relevantes, antes pelo contrário, penso que estamos perante um cenário de surpreendente complexidade e diversidade.

- (ii) Orientar-me-ei em aspetos aptos a serem associados aos pensamentos de Heidegger e Anders. Não discutirei as relações que existem ou possam existir entre estas reflexões e a demais literatura sobre o fenómeno do trauma.
- (iii) Os aspetos fundamentais que quero salientar são os seguintes:
  - (1) Ao fenómeno do trauma está associada uma *ameaça de morte*.
  - (2) Ao fenómeno do trauma está associada a violação de uma entidade, revelando essa violação a *incapacidade total* desta entidade de se proteger contra a ameaça, levando em última consequência ao colapso da sua imunidade, ao desamparo total, ou à morte.
  - (3) Transpondo isto para uma reflexão mais precisamente ontológica, significa isto que o ser – quer enquanto ser, quer enquanto ser-aí – está exposto ao nada, ao incontrolável ou inquietante, ou a uma ameaça existencial. Todas estas três instâncias – i.e. o nada, o inquietante, a ameaça – *fazem parte do próprio ser*.
  - (4) Existe uma *dialética negativa* da supostamente mais prometedora reação a esta ameaça: excluir ou combater, coletivamente e com violência, tudo aquilo que já ameaçou ou que potencialmente é capaz de ameaçar o espaço imunológico do ser ou do ser-aí é suposto ser uma estratégia prometedora e capaz de eliminar a ameaça. Mas é o contrário que acontece. Quanto mais se luta pela imunidade, mais frágil ela própria se torna, ou seja, a excessiva proteção da imunidade leva à sua destruição.
  - (5) É comum haver uma ignorância total ou quase total destes mecanismos.

No que se segue, focar-me-ei primeiro nas reflexões de Heidegger sobre a medida e o desmedido e tento evidenciar, a seguir, a traumatologia subjacente e inerente a estas reflexões. Seguirei o mesmo procedimento na abordagem de Günther Anders.

## 1. Heidegger sobre a medida e o desmedido

### 1.1. A medida

Em vários textos dos anos 50, nomeadamente em “... dichterisch wohnt der Mensch ...” (Heidegger 2000a), “Das Ding” (Heidegger 2000b), “Bauen Wohnen Denken” (Heidegger 2000c), Heidegger relaciona a questão da medida e da sua falta com a ‘quadrindade’.<sup>[1]</sup> Até mesmo nos *Beiträge zur Philosophie* (Heidegger 1994) e em outros textos dessa altura, quando o pensamento da quadrindade se encontrava ainda em construção, não associava a medida a apenas *um* elemento da posterior quadrindade, mas sempre ao relacionamento entre *todos* os seus quatro elementos.<sup>[2]</sup>

A importância do relacionamento surge com toda a nitidez no texto “... dichterisch wohnt der Mensch...”, por duas razões. Primeiro, porque Heidegger realça que não pode haver medida se esta for associada, única e exclusivamente, a um único elemento da quadrindade, neste caso à terra. Segundo, porque a medida é “dimensão”<sup>[3]</sup>, e sob ‘dimensão’ não se deve entender uma medida abstrata ou numérica, mas o perpassar, o ir e vir, a experiência inflexiva do caminho entre os elementos relacionados. Nos anos 50, Heidegger considera que são quatro os elementos cuja relação recíproca constitui a assim chamada quadrindade: a terra, o céu, os mortais e os divinos. Em “Das Ding”, Heidegger diz: “Um mundar do mundo *com medida* é um mundar do mundo da quadrindade, e não pode ser substituído por nenhum outro; tudo que seja diferente é sem medida”<sup>[4]</sup>; daí, só o ‘mundar’ da quadrindade é um mundar com medida, basta faltar um único dos quatro elementos para que se perca a medida.

- 
- 1 Cf. a discussão ‘clássica’ da questão da medida em Heidegger, sob forma da pergunta hölderliniana “Há uma medida sobre a terra?”, em Marx (1986), Gadamer (1987), Biemel (1988), Pöggeler (1988). Uma breve síntese deste debate, relacionada com a temática do ‘morar’, apresenta Hahn (2010).
  - 2 De maior importância é, neste âmbito, uma nota acrescentada por Heidegger ao seu próprio texto, transcrita nesta edição como nota ‘e’ (Heidegger 2000a: 198), segundo a qual não há uma medida sobre a terra porque não pode haver medida *meramente* na terra (“bloß auf der Erde”, i.e. tendo em consideração só e somente a terra).
  - 3 Cf. Heidegger (2000a: 198-202), onde Heidegger ‘desconstrói’ o conceito de dimensão. Dimensão, assim Heidegger, significa sempre o mensurar que perpassa um determinado caminho e que pressupõe a ligação entre pelo menos duas instâncias, o que se manifestará mais claramente se decomposmos a palavra dimensão nos componentes *di* e *mensão*.
  - 4 “ein *gemäßes* Welten von Welt ist ein geviertliches Welten von Welt, und kann durch kein anderes ersetzt werden, alles andere ist ungemäß.” (Heidegger 2000b: 181).

Ademais, a medida é relacionada com o dizer, com a linguagem, e nomeadamente com o poetar. Dizer e poetar, dando eco à linguagem apropriada, deixam aparecer a quadrindade. Só assim é possível um autêntico morar e habitar, pois o verdadeiro habitar congrega os quatro elementos da quadrindade. Os textos heideggerianos procedem assim a uma imbricação densa entre poetar, dizer, habitar e edificar, imbricação essa que é sustentada pela quadrindade. Muitas das frases pelas quais Heidegger pretende dizer a verdadeira essência do dizer, do poetar, do habitar e do edificar salientam esta remissão à quadrindade, e isso já acontece nos *Beiträge*, onde encontramos a famosa frase: “A linguagem acontece quando os deuses chamam a terra e quando daí ressoa um mundo. Acontece então que a linguagem é medida.”<sup>[5]</sup>

O verdadeiro dizer, poetar e habitar, segundo Heidegger, é também um *schonen*, um preservar cuidadoso, um respeitar e deixar-aparecer-a-quadrindade. Também este preservar é medida, pois significa, como Heidegger diz em “Bauen Wohnen Denken”, que algo é guardado e preservado em conformidade com o seu ‘essenciar’, o que faz com que a coisa preservada possa entrar no seu essenciar.<sup>[6]</sup>

O contrário acontece quando não cuidamos desta maneira das coisas, e em geral, dos quatro elementos da quadrindade. Nesse caso, a medida começa a fazer falta, ela retrai-se, reinando, ao invés, o desmedido.

## 1.2 O desmedido

Já no texto *Besinnung* (Heidegger 1997), escrito na altura dos *Beiträge*, Heidegger esboçou uma oposição exclusiva entre medida e desmedido: ou acontecerá o cruzamento entre as duas confrontações fundamentais que ocorrem na quadrindade, entre mortais e divinos e entre terra e mundo, ou reinará só e exclusivamente a não medida ou desmedida da maquinaria (*Ibid.*: 15). O posterior desenvolvimento do fenómeno do desmedido não sai deste esquema fundamental que opõe a quadrindade ao desmedido, apenas o vai articulando com mais precisão. Em 1970, no texto “Das Wohnen des Menschen” (Heidegger 1983a), Heidegger relaciona a falta de medida com a substituição da orientação no *quale* pela exclusiva orientação

5 “Sprache ist dann, wenn die Götter die Erde rufen und eine Welt wiederklingt. Sprache ist dann das Maß, (...)” (Heidegger 1994: 510).

6 “Verbunden mit Wohnen ist Schonen. Schonen heißt, etwas in sein Wesen einlassen, es nicht zu vergewaltigen, es nicht herauszufordern, sondern gemäß seinem Wesen zu hüten.” (Heidegger 2000c: 151).

no *quantum* (*Ibid.*: 219). Tomar apenas a quantidade como medida significa destruir a verdadeira medida, deixar reinar o *Unmaß* (a não medida) e o *Maßlose* (o desmedido). O desmedido é a redução da quadridimensionalidade da quadrindade à unidimensionalidade da mera quantidade, e é devido à ausência de uma qualquer relação que a lógica do número desmedido (*Unzahl*), da massificação (*das Massenhafte*) (Heidegger 2000c: 183), do gigantesco (*das Riesenhafte*) (Heidegger 1994: 135 e *passim*), da indiferença (*die Gleichgültigkeit*) (Heidegger 2000c: 183s.), do ilimitado (*die Grenzenlosigkeit*) (Heidegger 1997: 34) se vai impor.

O domínio total do número quantificável está indissociavelmente ligado a outros dois aspetos fundamentais inerentes à maquinaria: o da *Machbarkeit*, da *exequibilidade*, e o da *correção*. Ambos os aspetos surgiram em fases anteriores da ‘História da Metafísica’, mas vão-se intensificando nos tempos hodiernos da maquinaria. O princípio da correção, que tem vindo a substituir a verdade enquanto *alétheia*, considera as coisas sob a medida da sua adequação à nossa representação. Uma consequência mediata deste princípio é a subjugação das coisas ao nosso cálculo, um cálculo cujo único critério é a quantidade. A exequibilidade, por sua vez, corresponde ao cálculo sobre os limites daquilo que se pode exigir das coisas e que se pode fazer com as coisas. Nesta constelação metafísica reúnem-se a ‘vontade da vontade’ de Nietzsche e o domínio da técnica enquanto *Gestell*. A técnica *gestellica*, assim Heidegger em “Die Frage nach der Technik” (Heidegger 2000d), é um modo específico de desencobrir, um modo de desencobrir que deixa de ser um trazer-à-luz e passa a ser um exigir, um forçar algo a adequar-se às nossas exigências (*Ibid.*: 13-21). Segundo Heidegger, estamos a viver na fase histórica da Metafísica em que este modo de desencobrir se tornou predominante e exclusivo. As consequências óticas manifestas deste desenvolvimento são a degradação e desertificação total do planeta (Heidegger 1994: 409), a destruição da terra (*Ibid.*: 277), a destruição do ser humano através da modificação e fabricação tecnológica da matéria prima ‘homem’ e a falta dos deuses.

O crescente domínio do desmedido e a crescente falta de medida são o acontecimento primordial da História do Ser. Este acontecimento tem a sua origem na Antiguidade e subjaz a toda a História do Ser. Ele mostra-se a dois níveis, ótica e ontologicamente. As consequências óticas da falta de medida são visíveis e tocáveis, as ontológicas não. Ademais, as consequências óticas podem disfarçar o verdadeiro acontecimento ontológico, mas podem também funcionar como sintoma. Embora o sintoma ainda possa ser também disfarce daquilo que verdadeiramente acontece, tem a

vantagem de ser capaz de indicar, de servir de apelo e de guião para aceder ao verdadeiro problema. Esta diferença torna-se patente nos parágrafos introdutórios da conferência de Heidegger “Das Ding”. Heidegger menciona aí dois fenómenos ônticos da falta de medida, a televisão e a rádio por um lado, a bomba atómica por outro. Televisão e rádio apresentam uma aparência falsa, a da superação do tempo e do espaço e da aproximação total de todas as coisas, distorcendo e encobrendo assim aquilo que verdadeira e ontologicamente acontece, a crescente falta de proximidade. A bomba atómica, por outro lado, apresenta uma aparência verdadeira, se bem que ocultamente. A bomba atómica é como que uma imagem, um símile da destruição da terra e do homem; contudo, na verdade é apenas um sintoma ôntico do acontecimento ontológico (Heidegger 2000b: 167s.). Não são apenas as coisas, mas antes o modo de desencobrir da técnica que conduz à morte das coisas e à nossa morte.

## 2. A traumatologia em Heidegger

É justamente nesta imbricação do ôntico no ontológico que se nos revelam traços caraterísticos da lógica do trauma. A orientação dominante ou até mesmo exclusiva na maquinação e no modo de desencobrir da técnica *gestellica* conduz, inevitavelmente, não só à destruição visível no patamar ôntico, mas ao esvaziamento do próprio ser, à ameaça da morte do ser. Caraterístico para esta situação de ameaça é ainda a questão da culpa ou responsabilidade para a existência desta ameaça. Em “Die Frage nach der Technik”, Heidegger deixa claro que o homem *não tem o poder nem a habilidade* de dispor sobre o modo de desencobrir da técnica, pois este modo não acontece *só* no homem nem *decisivamente* (*maßgebend*) nele (Heidegger 2000d: 24). Mas não se descarta de modo nenhum o facto de que o homem *participa* na responsabilidade pelas consequências devastadoras deste modo de desencobrir. A conjugação destes dois aspetos, *ter de enfrentar uma ameaça de morte e não possuir nem o conhecimento nem a habilidade para a combater ou dominar*, é um traço importante da lógica do trauma. O que no entanto agrava ainda mais a impotência e o desamparo do homem, é que a própria constelação traumática está *escondida*, envolta numa cegueira total. O homem não apenas não vê o que acontece, mas, pior ainda, ele *colabora* com as forças destruidoras daquilo que ameaça o seu ser e o ser. Quanto mais se entrega à falsa convicção de ser dono soberano da natureza e de que tudo que existe, existe à mercê do homem, mais eficientemente colabora na destruição do ser e na destruição de si próprio.

Como Heidegger diz em “Die Frage nach der Technik”: “E é justamente este homem assim ameaçado que se alardeia na figura de senhor da terra. Cresce a aparência de que tudo que nos vem ao encontro só existe à medida que é um feito do homem.”<sup>[7]</sup> É, aliás, precisamente esta figura de pensamento que apresenta maiores semelhanças com o pensamento da Escola de Frankfurt, com a ‘dialética negativa’ de Adorno e a ‘eclipse da razão’ de Horkheimer. Mas, continuando na lógica de Heidegger, o que constitui o verdadeiro escândalo do nosso ser e a verdadeira desmedida reside na cegueira ou incompreensão total do verdadeiro perigo, que consiste na dupla ameaça da aniquilação do *Dasein* e da aniquilação do ser, ambas traumatológicas e imbricadas uma na outra, como se se tratasse de uma fuga mortal polifônica.

O momento traumatológico da ameaça da morte do *Dasein* consiste numa aporia incompreendida e na aparente incapacidade de superá-la. Em “Die Frage nach der Technik” e em “Das Ding”,<sup>[8]</sup> Heidegger distingue duas ameaças da morte do homem. A primeira ameaça, a da aniquilação do homem pelo que ele próprio produz – i.e. a bomba atômica, a destruição do planeta, a destruição do ecossistema, etc. – é apenas sintoma de uma outra ameaça mais fundamental, a da perda da essência do homem. Esta essência reside na sua faculdade ‘existenciária’ de ‘ser capaz’ da morte (*den Tod vermögen*). É esta a faculdade que está em jogo quando o homem se torna capaz de produzir, com o auxílio da tecnologia genética, seres humanos, ou seja, androides. Pois a *suposta superação do fenómeno da morte torna-se numa outra morte*, a da essência do ser humano. Esta aporia, de estar duplamente ameaçado pela morte ôntica da espécie (a sua aniquilação) e pela morte ontológica da espécie (a superação da morte ôntica), e o facto de não compreender esta aporia, constitui o verdadeiro fardo traumático, não só devido ao carácter dilemático da própria situação, mas também devido à ignorância da mesma e devido à consequente incapacidade factual de lhe fazer frente.

Partindo do pressuposto da total ignorância do homem desta sua situação traumática, reveste-se da maior importância refletir sobre possíveis vias para sair desta ignorância. Nesse âmbito, são fulcrais as análises heideggerianas sobre a angústia e o tédio. A angústia e o tédio são fenómenos altamente ambíguos. Por um lado, são sintomas incompreendidos do

7 Heidegger (2012: 29). O texto original versa: “Indessen spreizt sich gerade der so bedrohte Mensch in der Gestalt des Herrn der Erde auf. Dadurch macht sich der Anschein breit, alles was begegne, bestehe nur insofern, als es ein Gemächte des Menschen sei.” (Heidegger 2000d: 27s.).

8 Heidegger (2000d: 28ss.; 2000b: 180).



verdadeiro trauma, pois confrontam o homem pela via dos afetos com a sua própria total impotência. Nas análises heideggerianas da angústia e do tédio evidencia-se com toda a nitidez um sintoma traumatológico clássico, o *colapso total* do anseio humano de assegurar pelas suas próprias forças e habilidades a segurança e proteção do seu ser, através da domesticação da esfera do ôntico pela técnica. Angústia e tédio manifestam-se assim – e Heidegger diz isso explicitamente em “O que é a Metafísica?”<sup>[9]</sup> – como desvelamento do sentimento da impotência total. Por outro lado, tédio e angústia indicam ainda uma via capaz de colocar o homem em contacto com a verdade, i.e. com a presença incompreendida do nada, e com a necessidade de refletir sobre a sua incapacidade de garantir a sua segurança e imunidade.

A traumatologia patente nas reflexões heideggerianas não se esgota, porém, na dupla ameaça de morte do ser humano. Ela diz respeito também à ameaça de morte do próprio ser. Referirei apenas um aspeto desta ameaça que, no entanto, me parece ser de maior importância. Este aspeto tem a ver com uma possibilidade essencial do ser humano enfrentar a questão do ser.

Em *Introdução à Metafísica* (Heidegger 1983b), em torno da análise do canto dos velhos tebanos da *Antígona* de Sófocles, Heidegger debruça-se sobre o ato violento que é ciente do inquietante (*das Unheimliche*) que se esconde no seio do mais familiar (*das Heimliche*). Este ato violento, impedido pelo desejo de tornar o inquietante em algo familiar e de vencer assim o poder excessivo do ser, chegará necessariamente aos limites daquilo que está no seu poder, e com isso ao verdadeiro fundamento do seu agir violento.<sup>[10]</sup> Na sua luta contra a força subjugadora do ser, e sabendo que esta jamais se superará definitivamente, resta ao ser-aí uma possibilidade ulterior e extrema, i.e. recusar conscientemente, e não cegamente, a abertura ao ser: “Recusar uma tal abertura ao ser e face ao ser, significa para o ser-aí nada menos do que abdicar do seu ser. Isto exige: sair do ser ou jamais entrar no ser-aí.”<sup>[11]</sup> Seja como for que interpretemos esta passagem,

9 Heidegger caracteriza aqui a angústia como “völlige Ohnmacht gegenüber dem Ganzen des Seienden” (“impotência total face ao ente na sua totalidade”), e o tédio com sentimento inquietante de uma indiferença total face ao ente na sua totalidade (Heidegger 1976: 113, 111).

10 Também Trawny (2003: 135) estabelece uma relação nítida entre a análise do canto dos velhos tebanos de *Antígona* de Sófocles e a compreensão do fenómeno do desmedido em Heidegger.

11 “Versagung solcher Offenheit gegenüber dem Sein heißt aber für das Dasein nichts anderes als: Aufgeben seines Wesens. Dies verlangt: aus dem Sein heraustreten oder aber nie in das Dasein eintreten.” (Heidegger 1983b: 185).

como niilismo que resulta do esquecimento total do ser, como niilismo à maneira de Cioran, como decisão deliberada para o suicídio, como renúncia consciente perante a impotência total – certo é que não se poderá apagar nesta passagem a forte alusão a uma situação traumática, a da inevitabilidade da derrota mortal. Parece-me que se está aqui perante a mais extrema violência do *Dasein* que sabe que é capaz, num esforço de extrema radicalidade, recusar-se de tal maneira ao ser que este não acontece e jamais acontecerá. Em *Metaphysik und Nihilismus* (Heidegger 1999), encontramos uma passagem que bem poderá ser lida como comentário a este assunto. A ameaça da morte do ser, assim Heidegger, “não se prende apenas nem em primeiro lugar com que o pensar, ao confrontar o ser, cai no logicamente impossível, mas antes com o facto de que o *Dasein*, virando as costas ao ser, está empenhado em abdicar deliberadamente da possibilidade essencial do homem, empenho que apesar da sua absurdez e impossibilidade lógica se pode tornar num destino real, ou pode estar a ser, já agora, real.”<sup>12</sup> Estamos aqui perante um trauma duplo, ou seja, uma traumatologia complexa. O ser, embora seja aparentemente uma instância onipotente, tem todas as razões para temer do *Dasein* um ato de revolta suicida que teria como consequência a morte do próprio ser. Fazendo o nada parte do ser, a própria onipotência não tem o poder de excluir logicamente o germe da sua própria aniquilação. Ao invés, cabe ao *Dasein*, excluído categoricamente do domínio da onipotência do ser, o papel do potencial aniquilador do ser. É esta ‘absurdez’, esta ‘lógica do impossível’, o sinal de que não se pode erradicar, em última instância, o motivo da angústia profunda, uma vez que os papéis de todo-poderoso e da vítima impotente não se deixam determinar claramente, pois oscilam entre os dois polos. Ser e *Dasein*, ser-aí, nunca conseguirão dominar definitivamente a dialética entre ser e nada, dialética que ‘acontece’ a dois níveis diferentes, a do ser-aí e a do ser. Mesmo que se tome em consideração as meditações heideggerianas sobre a salvação do ser e do homem, será impossível libertar tanto o ser como o homem da sombra desta dupla ameaça.

12 “Nicht daran liegt es zuerst und nur, daß das Denken im Angehen gegen das Sein selbst in das logisch Unmögliche fällt, sondern daß es in solchem Angehen gegen das Sein selbst in die Abkehr vom Sein selbst aufsteht und die Preisgabe der Wesensmöglichkeit des Menschen betreibt, welches Betreiben trotz seiner Absurdität und logischen Unmöglichkeit geschicklich wirklich werden oder gar schon sein kann.” (Heidegger 1999: 250).

### 3. Anders sobre o desmedido

Referi no início deste artigo que existe uma grande variedade de discursos sobre o trauma e a sua lógica, não só a nível das várias disciplinas e áreas do saber, mas também na própria filosofia. Escolhi Günther Anders<sup>[13]</sup> para demonstrar uma das demais possibilidades de encarar filosoficamente a questão do trauma, porque há vários pontos de contacto entre as posições de Heidegger e Anders, se bem que Anders, publicamente, se tenha declarado, frequentemente, como anti-heideggeriano. Refiro-me, no que se segue, predominantemente aos dois volumes de *Die Antiquiertheit des Menschen*, traduzível<sup>[14]</sup> por *A obsolescência do homem*, publicados em 1ª edição em 1956<sup>[15]</sup> e, respetivamente, em 1979<sup>[16]</sup>.

À primeira vista, o pensamento de Anders parece preocupar-se obsessivamente com uma única temática, a de que o homem se tornou capaz de produzir os meios que lhe outorgam o poder absoluto de aniquilação definitiva e irreversível de toda a humanidade. Basta possuir o *know-how* desta produção para que a ameaça da morte definitiva se instale na humanidade. É esta a ideia que está na base de uma traumatologia simples e autoevidente, que reside na impotência do homem remover esta ameaça. Mas a filosofia de Anders vai mais longe, e é isso que pretendo esclarecer no que se segue.

A impotência do homem que se situa neste primeiro nível ôntico e que parece ser mais que óbvia, mesmo assim escapa ao entendimento do homem, devido em primeira linha a um fenómeno ao qual Anders chamou de *declive prometeico* (cf. Anders 1988: 267ss.). O declive prometeico reside numa desproporção abismal entre tipos ou categorias de habilidades: nós somos capazes, enquanto *homines fabri*, de produzir algo cujos efeitos e cuja essência não somos capazes nem de representar nem de sentir adequadamente. Daí não estarmos em condições de nos relacionar ética e moralmente com o produto do nosso fazer. Por esta razão, o homem contemporâneo vive, assim Anders, numa permanente esquizofrenia, faz algo que já não entende afetivamente e que nem sequer é capaz de representar adequadamente. Esta desconexão das faculdades humanas alicerça-se, pois,

---

13 Anders nasceu em 1902 em Breslau, que na altura pertencia à Áustria, passou uma grande parte da sua vida nos Estados Unidos, e faleceu em 1992 em Viena. Foi aluno de Cassirer, Husserl e Heidegger, casado, de 1929-1936, com Hannah Arendt e era um dos mais fervorosos adversários do armamento nuclear.

14 Ainda não foi traduzido para o português.

15 Uso a 7ª edição de 1988 (Anders 1988).

16 Uso a 4ª edição de 1992 (Anders 1992).

numa *desmedida* crescente. Enquanto o fazer e o produzir podem aumentar ilimitadamente, não o podem as faculdades do sentir, do representar, do cuidar. Daí que o fosso entre as faculdades se vá abrindo cada vez mais e irreversivelmente.

Anders, no entanto, não evoca apenas esta ameaça ôntica da aniquilação do homem, relacionada com a bomba atômica. Por detrás desta ameaça há uma outra, menos evidente, mais oculta, e se falássemos a partir da velha distinção entre existência e essência, seria uma ameaça da essência do homem. Esta ameaça está vinculada a um comportamento do homem que, falando heideggerianamente, acontece na esfera do *Man*. No primeiro volume de *Die Antiquiertheit des Menschen*, Anders aborda, num capítulo separado, a assim chamada vergonha prometeica (Anders 1992: 21-95). Esta vergonha reside, mais uma vez, numa *desmedida*, ou seja, numa desproporção. Face à cada vez maior perfeição dos seus produtos, o homem sente algo como um complexo de inferioridade. Ele mede-se com a medida dos seus produtos tecnologicamente cada vez mais poderosos e perfeitos, o que lhe inculca o sentimento de não poder concorrer com estes, tendo consequentemente uma profunda vergonha da sua condição humana física, psíquica e intelectual, vergonha de, em vez de ser um ser produzido, apenas ser um ser nascido. Uma maneira de combater esta vergonha reside na idealização do não atingível: O homem quer tornar-se igual às máquinas, e se não conseguir isso, quer pelo menos criar a falsa aparência de ser tão perfeito como os seus produtos. Anders julga detectar este fenómeno nas mais diversas áreas do nosso dia-a-dia, nas práticas da maquilhagem, na nossa reação ao trabalho automatizado, no vício obsessivo pela fotografia e outros modos de representação, etc.

O desejo de se tornar igual aos produtos é de tal forma interiorizado no comportamento do homem hodierno que não só não entende o que está a acontecer, como também não quer ser confrontado com esta suspeita. Muito pelo contrário, investe toda a sua energia, todo o seu empenho para alcançar o ideal inatingível. As respetivas abordagens deste fenómeno revelam algumas paralelas com as de Sloterdijk sobre os exercícios antropotécnicos, e poderão de facto ter influenciado Sloterdijk diretamente, uma vez que este refere a obra de Anders explicitamente.<sup>[17]</sup> Anders usa o termo *Human Engineering* para estes exercícios aparentemente inocuíssimos e

---

17 *E.g.*, no artigo “Die Domestikation des Seins” (Sloterdijk 2001, 208), onde já aparece o núcleo da ideia das antropotécnicas, desenvolvida largamente apenas mais tarde, em *Du mußt dein Leben ändern. Über Anthropotechnik* (Sloterdijk 2012).

socialmente valorizados. Todavia, o que com eles acontece, é o começo do esvaziamento do ser do homem, justamente porque põe em prática a equiparação dos homens às máquinas. O rumo deste caminho conduz direta e irresistivelmente à produção tecnologicamente planeada do homem, algo que segundo Anders já está a acontecer (Anders 1988: 20).

A adequação do homem às máquinas que conduz à substituição do homem pelas máquinas revela-se, segundo Anders, aos mais diversos níveis, dos quais mencionarei aqui apenas alguns.

Os fundamentos da ética, da política, da economia, etc., são, assim Anders, minados e corrompidos pela lógica da superioridade do aparelho. São os aparelhos que fazem exigências ao homem, são eles que perguntam o que o homem tem para oferecer para que eles possam mostrar e realizar todas as suas potencialidades, o leque total das suas qualidades. Quando há que tomar decisões políticas e económicas a nível nacional e internacional, não se pode confiar nas capacidades limitadas do homem, devendo-se antes outorgar as decisões à racionalidade e ao cálculo dos aparelhos de processamento de dados. É altamente arriscado confiar ao homem a decisão sobre o lançamento de armas nucleares, e já no século passado foram programas de computação aos quais se delegava a competência desta decisão. No que diz respeito ao consumismo, Anders sublinha, tal como Heidegger o faz, que são os próprios produtos que exigem uma atitude de consumo rápido, uma atitude de *Schonungslosigkeit*, i.e. de uma deliberada falta de cuidado com as coisas. Preservar, consertar, reparar aparelhos e coisas é mais caro do que deitá-los fora e comprar novos.

#### 4. A traumatologia em Anders

Por detrás desta fenomenologia do descuidado e do fosso abismal entre aparelho e homem esconde-se no entanto algo mais, e este mais conduz-nos novamente à lógica do trauma. Salientarei quatro aspetos fundamentais pelos quais esta traumatologia se manifesta.

*(i) O homem empenha-se em superar ameaças evidentemente graves e existenciais, porém, ao fazê-lo, colabora na sua própria aniquilação. Isto não apenas se relaciona com as armas nucleares e a sobrevivência ôntica do homem, mas no fundo com a sua essência.*

O querer-ser-igual-às-máquinas revela uma falta de medida sob várias perspetivas: é uma falsa *Anmaßung*, uma *superbia* ou presunção falsa que anseia a própria perfeição, veiculada por uma falsa *Anmessung*, uma

adequação falsa que toma como medida a lógica do produto, o tecnicamente realizável. Numa dialética despercebida, a perfeição ansiada revela-se como humilhação autoinfligida que desemboca na própria extinção. Esta extinção é de uma nova e inaudita espécie, que supera um qualquer suicídio e uma qualquer morte provocada pelo destino. A substituíbilidade exata que existe no mundo dos produtos – e que o homem inveja nos produtos, sentindo a sua ‘unicidade’ como falha – encobre em si a ideia da superação da ‘morte’ natural, e daí a superação de uma necessidade, possibilidade e ‘capacidade’ existencial do ser humano. Não saber e não poder morrer, no sentido já esboçado também por Heidegger, acontece quando o fenómeno da morte já não se encontra na esfera do possível, ou seja, quando a sua modalidade, no sentido triplíce kantiano, parece ser outorgada, indelevelmente, à deliberação arbitrária do ‘novo’ homem. Daí que a superação da morte pelo homem conduza – não só nos olhos de Heidegger, mas também nos de Anders – à morte da essência da espécie humana (cf. Anders 1988: 47-56) e, conseqüentemente, à morte da espécie humana enquanto tal.

(ii) *A ignorância quase total destes acontecimentos*

Tal como Heidegger, também Anders diagnostica uma tremenda falta de consciência sobre o crescente esvaziamento do ser do homem. Perdemos, assim Anders, a capacidade de sentir medo, e mais fundamentalmente, a capacidade da angústia. A ausência da angústia relaciona-se com o facto da incapacidade de acompanhar *afetivamente* o mundo dos aparelhos fabricados; esta falta ganha dimensões outrora inimagináveis quanto mais avança o esvaziamento do ser humano. O niilismo, assim Anders, entrou numa nova fase, não é nem apocalíptico nem suicidário, mas antes, como Samuel Beckett o mostrou magistralmente, um niilismo que ele mesmo é incapaz de ser niilismo.<sup>[18]</sup> É um estado em que o homem, no profundo sentimento da falta de sentido, se tornou incapaz de sentir medo e tédio. Quando o homem ainda mostra sinais residuais da sua natureza própria, quando, por exemplo, sente um impulso forte de revolta, de raiva contra as máquinas ou contra as condições de trabalho, não costuma descarregar esta raiva diretamente nos causadores, mas entrega-se antes àquelas outras máquinas ou ofertas tecnológico-sociais feitas para este efeito – jogos de vídeo, salas de jogos, etc. – ou automutila-se para obter a prova da sua existência em carne e osso.<sup>[19]</sup>

18 Cf., a este respeito, o capítulo intitulado “Sein ohne Zeit. Zu Becketts Stück <En attendant Godot>” [“Ser sem Tempo. Sobre <En attendant Godot> de Beckett”] (Anders 1988, 213-231).

19 Slavoj Žižek apresenta-nos, *en passant*, uma interpretação quase idêntica do fenómeno da automutilação, cf. Žižek, Daly (2006: 147).

*(iii) A incapacidade do homem de enfrentar a ameaça de morte pertence à sua natureza. Combater esta incapacidade é uma empresa condenada ao fracasso, pois leva ainda mais seguramente à morte.*

A vergonha prometeica não é uma vergonha sentida por um ou outro indivíduo. É a vergonha da humanidade, ou seja, do homem enquanto tal. Tal como a criança que se esconde atrás da mãe quando vêm visitas, sente a vergonha e ao mesmo tempo o medo de ser exposta ao mundo como indivíduo, de não se poder esconder no ser-com-os-outros, a vergonha prometeica é a vergonha e o medo de não poder fazer nada contra o facto de não ser o não-Eu. Freud dava ao fenómeno da ânsia de libertação da egocidade o nome de instinto da morte; porém, não relacionava este instinto com a ânsia de se tornar aparelho, como acontece em Anders.

*(iv) A fuga para o quotidiano agrava a nossa ignorância.*

As reflexões de Anders sobre este aspeto assemelham-se bastante às de Heidegger. A fuga para o quotidiano, a adaptação perfeita às opiniões vigentes e aos comportamentos estereotipados agravam a ignorância da traumatologia. Uma das estruturas traumatológicas que se relaciona com o quotidiano reside na aporia irresolúvel de os produtos exigirem de nós algo impossível de cumprir: ou, seguindo a corrente da opinião dominante, cedemos às suas exigências, o que, porém, resulta, a longo prazo, na nossa extinção enquanto seres humanos; ou não cedemos, mas aí somos reduzidos a nada, a uma entidade destituída de valor que não merece nem auto nem hetero-estima. Traumático é o vago sentimento de não ser capaz de lidar com esta situação, de ser seu refém (cf. Anders 1988: 17). A panorâmica dos que criticam o consumismo, as doutrinas sobre a necessidade do progresso e os avanços maravilhosos da tecnologia é vasta e conhecida. Anders, no entanto, julga haver, cada vez mais frequentemente, uma tendência de imunização contra estas críticas inquietantes. Vozes que alertam para a crescente perda da realidade devido à crescente submersão no mundo dos aparelhos tecnológicos e nos imperativos que estes promulgam, seriam expostas ao escárnio e à ridicularização (cf. Anders 1992: 44). O que talvez seja, neste aspeto, específico em Anders é o realce da crescente tabuização e sancionamento desta crítica. E nos casos em que esta é aceite e seriamente considerada, parte-se do princípio que bastam medidas tecnológica ou politicamente controláveis para resolver o problema. Uma discussão que chegasse ao verdadeiro cerne da questão é no entanto, segundo Anders, como que interdita, ou simplesmente ridicularizada.

## 5. Conclusão

Não quero terminar as minhas análises sem umas palavras sobre o problema de como sair da traumatologia. Não posso deter-me aqui na análise e apreciação das medidas que Heidegger e Anders sugerem para fazer frente às ameaças da morte do homem e da morte do ser. Parecem-me, no entanto, de maior importância duas observações: (a) O resgate da ‘quadrindade’ em Heidegger e a ‘ginástica’ emocional e representacional em Anders<sup>[20]</sup> são duas respostas, que decerto têm as suas fragilidades. Convinha não só averiguar a especificidade peculiar de cada uma destas respostas, mas antes e também considerá-las no conjunto das respostas à mesma pergunta, que outros filósofos como Derrida, Levinas, Žižek, Sloterdijk, para mencionar alguns, deram. (b) Por outro lado, creio que qualquer que seja a resposta, esta pode sempre revelar-se, no futuro, como demasiado prematura. Os grandes problemas relacionados com a traumatologia descrita ainda estão por vir, e as nossas antecipações são porventura demasiado provisórias e tateantes para prever a verdadeira envergadura dos dilemas e dificuldades vindouros.

Estas incertezas, no entanto, não devem ser motivo para ignorar a problemática em si. Mantê-la viva, torná-la consciente, enfrentá-la é algo que se deve fazer, e não vejo outro lugar para fazer isso a não ser na própria filosofia.

## Bibliografia

- ANDERS, Günther (1988). *Die Antiquiertheit des Menschen*. Vol. 1: *Über die Seele im Zeitalter der zweiten technischen Revolution*. 7ª ed., München: Beck [1956]
- ANDERS, Günther (1992). *Die Antiquiertheit des Menschen*. Vol. 2: *Über die Zerstörung des Lebens im Zeitalter der dritten industriellen Revolution*. 4ª ed., München: Beck [1979]
- BIEMEL, Walter (1988). Maß und Maßlosigkeit der Sterblichen. In Walter Brüstle, Ludwig Siep (Ed.). *Sterblichkeitserfahrung und Ethikbegründung* (pp. 22-37). Essen: Die blaue Eule
- GADAMER, Hans-Georg (1987). „Gibt es auf Erden ein Maß?“ (W. Marx). In: *Idem. Neuere Philosophie I: Hegel, Husserl, Heidegger*. GW Vol. 3 (pp. 333-349). Tübingen: Mohr

20 Cf., a título de exemplo, Anders (1988: 274s.; 308-313), onde Anders usa deliberadamente o vocabulário do domínio desportivo, transpondo-o para a esfera da arte que é considerada o domínio onde ainda se poderia travar o processo do crescente esvaziamento do ser humano.



- HAHN, Achim (2010). Übersicht zu einer Philosophie des Wohnens. Consultado em julho 13, 2015, em <http://www.cloud-cuckoo.net/journal1996-2013/inhalt/de/heft/ausgaben/110/Hahn/hahn.php#ednref21>
- HEIDEGGER, Martin (1976). Was ist Metaphysik? In Martin Heidegger, *Wegmarken* (pp. 103-122). Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1929] [GA vol. 9]
- HEIDEGGER, Martin (1983a). Das Wohnen des Menschen. In Martin Heidegger, *Aus der Erfahrung des Denkens 1910 – 1976* (pp. 213-220). Ed. p. Hermann Heidegger. Frankfurt/M.: Klostermann [1970] [GA vol. 13]
- HEIDEGGER, Martin (1983b). *Einführung in die Metaphysik*. Ed. p. Petra Jaeger. Frankfurt/M.: Klostermann [1935] [GA vol. 40]
- HEIDEGGER, Martin (1994). *Beiträge zur Philosophie (Vom Ereignis)*. 2ª edição revista. Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1989/1936-38] [GA vol. 65]
- HEIDEGGER, Martin (1997). *Besinnung*. Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1937/38] [GA vol. 66]
- HEIDEGGER, Martin (1999). *Metaphysik und Nihilismus. 1. Die Überwindung der Metaphysik; 2. Das Wesen des Nihilismus*. Ed. p. Hans-Joachim Friedrich. Frankfurt/M.: Klostermann [1938-1948] [GA vol. 67].
- HEIDEGGER, Martin (2000a). « ...dichterisch wohnet der Mensch... ». In Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze* (pp. 189-208). Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1951] [GA vol. 7]
- HEIDEGGER, Martin (2000b). Das Ding. In Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze* (pp. 165-188). Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1950] [GA vol. 7]
- HEIDEGGER, Martin (2000c). Bauen Wohnen Denken. In Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze* (pp. 145-164). Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1951] [GA vol. 7]
- HEIDEGGER, Martin (2000d). Die Frage nach der Technik. In Martin Heidegger, *Vorträge und Aufsätze* (pp. 5-36). Ed. p. Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt/M.: Klostermann [1953] [GA vol. 7]
- HEIDEGGER, Martin (2012). *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis: Editora Vozes
- MARX, Werner (1986). *Gibt es auf Erden ein Maß? Grundbestimmungen einer nichtmetaphysischen Ethik*. Frankfurt/M.: Fischer
- PÖGGELER, Otto (1988). Gibt es auf Erden ein Maß? In Walter Brüstle, Ludwig Siep (Ed.). *Sterblichkeitserfahrung und Ethikbegründung* (pp. 127-163). Essen: Die blaue Eule
- SLOTERDIJK, Peter (2001). *Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger*. Frankfurt/M.: Suhrkamp

- SLOTTERDIJK, Peter (2012). *Du mußt dein Leben ändern. Über Anthropotechnik*. Frankfurt/M.: Suhrkamp
- TRAWNY, Peter (2003). *Martin Heidegger*. Frankfurt/M.: Campus
- ŽIŽEK, Slavoj / Daly, Glyn (2006). *Arriscar o impossível. Conversas com Žižek*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes [2004]

[Submetido em 29 de janeiro de 2016 e aceite para publicação em 19 de junho de 2016]